



## DA TRANSGRESSÃO À CONSCIENTIZAÇÃO: OS SENTIDOS NO DISCURSO VERBO-VISUAL DE PICHAGÕES NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Antonio Leme Guerra Junior<sup>1</sup>

*Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)*

Ednéia de Cássia Santos Pinho<sup>2</sup>

*Universidade Estadual de Londrina (UEL)*

Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira<sup>3</sup>

*Universidade Estadual de Londrina (UEL)*

### RESUMO

As pichações, caracterizadas como inscrições verbo-visuais em muros e paredes, de autoria frequentemente anônima, são marcas tipicamente urbanas e consideradas, por vezes, ações marginais. Porém, os enunciados que integram as pichações podem ser tomados como textos, os quais, na confluência de caracteres verbais e visuais, reverberam discursos que deixam entrever críticas, valores e posicionamentos frente à realidade. Este trabalho, portanto, partindo dessa premissa, tem o objetivo de analisar os sentidos que emergem do discurso verbo-visual expresso em pichações com o tema “álcool gel”, situado no contexto da pandemia, capturados fotograficamente na cidade de Londrina - PR. Esses enunciados são postos em contraste com textos de natureza midiática e analisados à luz das teorias do texto/discurso, considerando-se a sua dimensão argumentativa e a sua dimensão histórico-ideológica. A partir do estabelecimento de conexões entre os “ditos”, tanto dos enunciados das pichações quanto dos enunciados midiáticos, e os “não ditos” que emergem de toda essa cadeia discursiva, as análises evidenciam que as pichações estudadas, num processo de evidente deslocamento, partem de uma posição transgressora para uma posição conscientizadora, na medida em que, em diferentes níveis, defendem a ciência que está por trás do “álcool gel” no combate à pandemia.

**Palavras-chave:** Pichação. Sentido. Argumentação e discurso.

### ABSTRACT

The graffiti, characterized as verbal-visual inscriptions on walls, often anonymously authored, are typically urban marks and are sometimes considered marginal actions. However, the statements that integrate the graffiti can be taken as texts, which, in the confluence of verbal and visual characters, reverberate speeches that allow a glimpse of criticism, values and positions in relation to reality. This work, therefore, based on this premise, aims to analyze the meanings that emerge from the verbal-visual discourse

---

<sup>1</sup> É Doutor em Estudos da Linguagem e Professor Colaborador do curso de Letras (UNESPAR – Campus Apucarana). E-mail: alguerrajunior@gmail.com

<sup>2</sup> É Doutora em Estudos da Linguagem e Professora Colaboradora do curso de Letras (UEL). E-mail: ediuell@yahoo.com.br

<sup>3</sup> É Doutora em Estudos da Linguagem e Professora Adjunto do curso de Letras (UEL). E-mail: lolyane@uel.br



expressed in graffiti with the theme “sanitizing alcohol”, situated in the context of the pandemic, photographically captured in the city of Londrina - PR. These statements are contrasted with media texts and analyzed in the light of text/discourse theories, considering their argumentative dimension and their historical-ideological dimension. From the establishment of connections between the “said”, both from the graffiti and the media statements, and the “unsaid” that emerge from this entire discursive network, the analyzes show that the studied graffiti, in a process of evident displacement, depart from a transgressive position to an awareness-raising position, insofar as, at different levels, they defend the science behind “sanitizing alcohol” in the fight against the pandemic.

**Keywords:** Graffiti. Meaning. Discourse and argumentation.

## INTRODUÇÃO

Nos múltiplos processos de interação dos quais participamos socialmente, buscamos expressar nossas ideias, nossas crenças, nossos valores, ou seja, tencionamos registrar quem somos e tudo aquilo que nos constitui. Essa expressão é alcançada por meio da mobilização de diferentes linguagens, as quais, inscritas em diferentes suportes, manifestam materialmente nossos dizeres.

O que dizemos, no entanto, não parte do nada. Há, revisitando o caráter dialógico da linguagem afirmado por Bakhtin (1979), uma interação constante entre vozes, as quais vão sendo paulatinamente retomadas e ressignificadas em outros tempos e outros espaços. Há, sob uma ótica discursiva, um “saber discursivo que torna possível todo dizer” (ORLANDI, 2001, p. 31), um interdiscurso a partir do qual se constroem (novos e outros) sentidos.

Considerando essas noções, é possível compreender que os discursos se moldam a situações específicas, a condições de produção que determinam, histórica, social e ideologicamente, o que se diz, o que significa. Dessa forma, nossos discursos são atravessados por marcas daquilo que vivenciamos, das experiências de que participamos.

Um exemplo produtivo e recente emerge da pandemia de Covid-19, cujos impactos se desdobram, em várias áreas, há aparentemente intermináveis meses. Como uma fonte de conteúdo quase inesgotável, esse evento de proporções globais se instaurou como a base fundamental de discursos componentes de notícias, textos científicos e, até mesmo, as mais simples interações conversacionais cotidianas.

Não só verbalmente, o tema “pandemia” se propagou em termos de visualidade. Imagens e registros gráficos de toda ordem se proliferaram na espacialidade urbana, reiterando as significações decorrentes dos discursos ininterruptamente disseminados pela mídia. E é nesse conjunto de materialidades discursivas que podem ser observadas as pichações delineadas dentro do campo semântico pandêmico.

Este trabalho tem, portanto, o objetivo de analisar os sentidos que emergem do discurso verbo-visual expresso em pichações com o tema “álcool gel”, situado no contexto da pandemia, capturados fotograficamente na cidade de Londrina - PR. Trata-se de uma proposta de análise das significações emergentes do diálogo discursivo entre esses textos e outros de natureza jornalística.



Na sequência, então, organizamos o texto da seguinte forma para o alcance do objetivo: primeiramente, apresentamos a fundamentação teórica mobilizada para o estudo; depois, incluindo o *corpus*, discutimos os procedimentos metodológicos adotados; por fim, trazemos nossas análises e reflexões a partir dos objetos selecionados para a discussão aqui proposta.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proposta aqui delineada parte do interesse de investigar os sentidos que emergem de discursos veiculados por pichações, num diálogo com aqueles conduzidos por textos midiáticos. Dessa forma, é necessária uma discussão teórica que articule noções essenciais para as análises, tais como: (i) as relações que se estabelecem entre discurso e argumentação; (ii) o papel da mídia na disseminação de sentidos e valores ideológicos; e (iii) o caráter argumentativo que reveste as pichações inscritas na paisagem urbana.

### 1.1 INTERSECÇÕES ENTRE DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO

O uso da língua sempre parte de um sujeito em direção a outro sujeito, ou seja, linguagem é interação. E essa interação do homem, por meio do discurso, caracteriza-se essencialmente pela argumentação, pois, conforme Oléron (1996), cada uma das pessoas, em vários momentos, em várias circunstâncias, é levada a argumentar, quer se trate de defender sua causa, de justificar sua conduta, de censurar ou de elogiar amigos, adversários, homens públicos ou parentes, de pesar os prós e os contras de uma escolha ou de uma decisão.

Koch (2000) afirma que o ato de argumentar, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, já que a todo discurso subjaz uma ideologia. Desse modo, em todo discurso se faz presente a argumentatividade, em maior ou menor grau. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 16) afirmam:

[...] Mas, quando se trata de argumentar, de influenciar, por meio do discurso, a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito.

Orlandi (2001, p. 21) afirma que “o discurso é efeito de sentido entre interlocutores”. Para a autora, todo discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na memória discursiva, legitimados na sociedade e recuperados pela historicidade. Sob esse aspecto, a produção dos sentidos acontece porque eles já estão lá, por já terem significado em algum momento, são os “já-ditos” (ORLANDI, 2001, p. 31). Ao utilizar a língua, o homem veicula discursos com o objetivo de atuar e interagir com e sobre o outro, ou seja, ele está argumentando, ele está integrando-se ao universo do outro. A língua passa, então, a ser vista como portadora de uma capacidade argumentativa inerente.



Por isso, sempre que falamos, mostramos uma conexão entre nossas ideias e nossas intenções. Quando direcionamos nosso discurso, temos certas intenções, orientamos nossas palavras para atingir determinado alvo, visamos produzir certos efeitos.

Entram aqui todos os aspectos relacionados à intenção do falante, à sua atitude perante o discurso que produz, aos pressupostos, ao jogo das imagens recíprocas que fazem os interlocutores um do outro e do tema tratado, além dos fatores implícitos que deixam no texto, marcas linguísticas [...] (KOCH, 2000, p. 32).

Essas relações são chamadas de argumentativas e são as responsáveis pela estruturação dos enunciados, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada um resultante de um ato de linguagem, e, para convencer ou persuadir, tais encadeamentos agem sobre o interlocutor.

Considerando a relação que se constitui entre discurso e argumentação, Fiorin (2018) focaliza o princípio da responsividade contido na natureza dialógica do discurso, e justifica, assim, o seu posicionamento:

Ora, se a argumentação é a tomada de posição contra outra posição, a natureza dialógica do discurso implica que os dois pontos de vista não precisam ser explicitamente formulados. Na medida em que um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento. Todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso. (FIORIN, 2018, p. 29)

A não necessidade de formulação explícita, como aponta Fiorin (2018), dialoga com as reflexões de Orlandi (2007, p. 12), quando a autora afirma que “todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer”. Em outras palavras, “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2001, p. 82). Nesse sentido, o teor argumentativo de um discurso vai se construindo a partir do conteúdo que ele carrega e de conteúdos que ele evoca.

Vale destacar que, nessa rede de relações, os sentidos podem ser múltiplos, mas não prescindem de determinações. Tais determinações são as condições de produção do discurso, as quais podem ser pensadas tanto como o contexto imediato e específico das circunstâncias de enunciação de um texto, quanto o contexto histórico, social, ideológico, político, econômico e institucional, ou seja, a história com a qual o discurso se relaciona (Orlandi, 2001).

Desse modo, é essencial pensarmos em como certas produções, certos textos, como os de natureza midiática, produzem e disseminam seus dizeres.

## 1 2 TEXTOS MIDIÁTICOS COMO VEÍCULOS DE SENTIDOS E IDEOLOGIAS



Os meios de comunicação como o rádio, a televisão e o jornal desempenham um papel muito importante socialmente, pois interferem nas opiniões e nas convicções dos que os acompanham. “Os meios de comunicação social são um instrumento de enorme eficácia para impor ideologias e interesses de todo tipo, criando uma opinião pública na medida dos grupos que controlam as informações” (BLAZQUÉZ, 1999, p. 51).

O poder inegável da mídia é provado a cada dia quando constatamos a rápida disseminação e reprodução de ideias, valores e pontos de vista, veiculadas por esses meios, pela população em geral. Hoje, os mais variados canais existentes, sejam eles digitais ou não, a exemplo, os aplicativos de mensagens, as redes sociais ou a boa e velha conversa presencial entre amigos são os responsáveis por reproduzir essas posições.

Dessa forma, os textos midiáticos colocam-se como veículos que levarão sentidos e ideologia em suas composições, que serão reproduzidos por outros textos (até mesmo pelas pichações), a fim de influenciar o dizer do sujeito/leitor, uma vez que “[...] a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2001, p. 46).

Todos os campos de atuação humana estão permeados por ideologia, seja ele o social, o intelectual, o científico, o artístico, o dos trabalhadores, o dos pobres ou o dos ricos. Marcondes Filho (1997, p. 69) afirma que “onde está o trabalho do homem, a sua criatividade, aí está a produção e a reprodução da ideologia”. Em outras palavras, o ser humano está vinculado à ideologia, e, assim, toda criação contém uma crença, um sentido, uma visão de mundo, uma emoção.

Dessa forma, um texto, verbal ou não verbal, ao conter determinada imagem ou palavra, está expressando um posicionamento, uma forma de representar a realidade e, portanto, uma ideologia. “O poder da ideologia não pode ser superestimado. Ele afeta tanto os que negam sua existência quanto os que reconhecem abertamente os interesses e os valores intrínsecos às várias ideologias” (MÉSZÁROS, 2004, p. 64).

Os discursos proferidos pelos sujeitos estão em constante relação, seja por aproximação de ideias, seja pela negação dessas; e nossas práticas sociais são permeadas por esses dizeres e posições. Nessa direção, para Althusser (2001, p. 92): “1) só há prática através de e sob uma ideologia; e 2) só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”. Nesse sentido, Fiorin (2000, p. 43) é ainda mais categórico ao afirmar que “o indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale”, lembrando que a “realidade”, em si, é moldada pela ideologia”.

Assim, na construção dos textos, incluindo aqueles veiculados nas mídias e até aqueles que integram as pichações, considerando o que diz Orlandi (2005a, p. 105), “não é em ‘x’ que está a ideologia, é no mecanismo (imaginário) de produzir ‘x’, sendo ‘x’ um objeto simbólico”. Tomando “x” como sentido, a autora afirma que a ideologia não está inserida nele, mas, sim, no modo como ele foi produzido.

Em outras palavras, o texto, em sua composição e escolhas, carrega certos valores e ideias que são transmitidas aos indivíduos de determinado grupo, o denominado público-alvo. Todavia, a ideologia em si não está calcada na superfície, ou seja, ela não está explícita no(s) sentido(s) disponibilizado(s). A ideologia desse discurso está nas estratégias aplicadas para a sua organização, muitas vezes visando à adesão do



sujeito leitor. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 84), “os valores intervêm, num dado momento, em todas as argumentações”.

Nos discursos, os efeitos de sentido são construídos a partir do momento em que há interação entre os sujeitos. Assim, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seus sentidos dessas posições, isto é, em relação às posições ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2001, p. 42).

Para Bakhtin e Voloshinov (1979, p. 17-18),

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. [...] A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.

Isso posto, podemos afirmar que as pichações, *corpus* de nossas análises, atuam como uma forma de manifestação, por meio da palavra (“fenômeno ideológico por excelência”), das dinâmicas e mazelas sociais, do processo de exclusão, de conscientização, da propagação de ideias afins ou contrárias ao sistema, das crenças e descrenças, dos valores, ou seja, trata-se da exposição de um discurso ideológico e com alto teor argumentativo, como veremos a seguir.

### 1.3 AS PICHAGENS COMO DISCURSOS ARGUMENTATIVOS

Em termos conceituais, numa acepção basilar, dicionarizada, uma pichação corresponde ao “ato de pichar”, ou seja, “escrever, rabiscar (dizeres de qualquer espécie) em muros, paredes, fachadas de edifícios, etc.” (HOUAISS, 2009). Elementos como “rabiscar” e “qualquer espécie”, no entanto, direcionam semanticamente a definição para um tom depreciativo, afinal um rabisco é compreendido como um “risco mal traçado”, um “desenho composto por traços malfeitos” (HOUAISS, 2009). Talvez resida aí uma possível origem para um caráter vandálico atribuído às pichações encontradas na paisagem das cidades.

O fato é que, para muito além de enunciados decorrentes de ações de vandalismo, as pichações permitem-se observar sob outra ótica. Nascimento (2015), por exemplo, considera esse tipo de manifestação discursiva como uma manifestação de arte contemporânea. Essa associação se dá sob uma base filosófica, evocando-se preceitos relacionados à estética e à produção cultural.

Na perspectiva de Nascimento (2015), a pichação, como forma de arte, assume um papel contestatório. Nessa produção humana, inter-relacionam-se aspectos não



apenas artísticos, mas também sociais, culturais, políticos e ideológicos. Dessa rede de relações, são construídos sentidos a partir de uma linguagem organizada numa gramática própria.

Lassala (2010) também reflete sobre as pichações numa perspectiva artística, no âmbito específico da arte de rua. Segundo o autor, as intervenções urbanas que se enquadram nesse tipo de arte “[...] não usam apenas palavras e desenhos para se expressar [...] trata-se de criativas intervenções, sempre variando a forma de atuação, o suporte e o modo de expressão” (LASSALA, 2010, p. 25).

No que se refere especificamente à pichação, Lassala (2010, p. 35) argumenta que é “[...] uma ação de transgressão para marcar presença, chamar atenção para si ou para alguma causa por meio da subversão do suporte” – não se tem o papel ou a tela, mas o muro, a parede. E é nesse deslocamento que se instaura o movimento transgressor: “os suportes para a pichação nunca são autorizados ou cedidos, são sempre invadidos” (LASSALA, 2010, p. 35).

Entretanto, mais uma vez, recai sobre as pichações um olhar que não julga, mas que aprecia o seu potencial discursivo: Lassala (2010, p. 93), ao considerar as pichações como “fenômenos legítimos de manifestação social urbana”, defende a possibilidade de tomá-las “[...] como inspiração para reflexões visuais que podem e devem auxiliar na construção de novas formas de interpretações gráficas da condição em que vivemos”. Isso porque seus dizeres significam e refletem a realidade.

Por esse viés, podemos estabelecer um diálogo com as reflexões de Orlandi (2005b, p. 7), que define a pichação como um “lugar da resistência”. Conforme a autora, “há no gesto da pichação um desejo, uma necessidade que vai além. [...] O gesto da pichação representa esse sujeito mais fundamente na sua vontade social: o do que sai do silêncio [...]” (ORLANDI, 2005b, p. 12-13). Em outras palavras, por meio do registro de enunciados em muros e paredes, é facultada ao indivíduo a possibilidade de “dizer”.

Mesmo sob a condição de anonimato, especialmente nas situações em que não se tem o registro da autoria, a pichação é um “dito” que dialoga diretamente com outros dizeres. Isso se dá no movimento do interdiscurso, que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2001, p. 31). Isso significa pensar que o pichador, sujeito da pichação, considerando as condições de produção nas quais se insere no momento da prática do ato, mobiliza sentidos que advêm de fontes discursivas e ideológicas à sua volta.

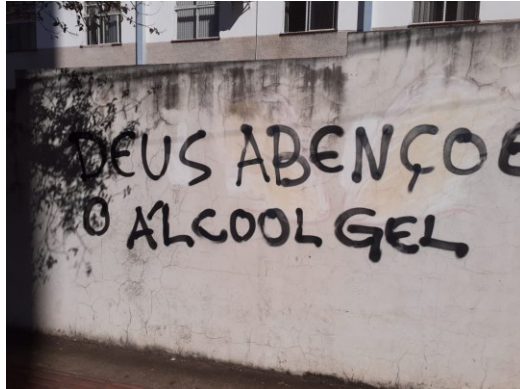
Nesse processo dialógico, o sujeito busca ser ouvido, ou melhor, lido, contemplado visualmente. E essa busca engendra um processo fundamentalmente argumentativo: suas escolhas lexicais, seus traços, o conteúdo associado a uma expressão, tudo é mobilizado com o propósito de atrair o olhar, de capturar a atenção de quem passa, de convencer. As pichações, assim, são alçadas ao estatuto de discursos argumentativos, cuja composição se dá por diferentes estratégias, tais como explicitamos a partir de nosso *corpus* de análise.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



A proposta de análise aqui apresentada, conforme já explicitado, está balizada pelo objetivo de explorar os sentidos decorrentes da constituição verbo-visual de pichações que, enquanto discursos, mobilizam um mesmo tema: “álcool gel”. O *corpus*, conforme Figuras 1 e 2, é constituído de dois enunciados registrados em muros da cidade de Londrina - PR, nos quais permanecem desde 2020, ano em que o país foi atingido diretamente pelos efeitos da pandemia de Covid-19.

**Figura 1:** Pichação - tema “álcool gel” (1).



Fonte: Material coletado pelos autores.

**Figura 2:** Pichação - tema “álcool gel” (2).



Fonte: Material coletado pelos autores.

Metodologicamente, os enunciados são analisados a partir de fundamentos advindos das teorias do texto/discurso, especialmente a Semântica Argumentativa e a Análise do Discurso, considerando-se uma leitura pautada em categorias específicas, conforme explicitado no Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1:** Categorias de análise do *corpus*.

Categoria	Descrição
Dimensão histórico-ideológica	Análise das condições de produção e do interdiscurso resgatado pelos ditos e não ditos.





Dimensão linguístico-argumentativa	Análise das marcas linguísticas que operam a argumentação contida no discurso verbal em si.
------------------------------------	---

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para as análises, considerando-se as categorias elencadas, especialmente a histórico-ideológica, e buscando-se a verificação de uma cadeia discursiva que extrapola os limites das pichações selecionadas, são mobilizados enunciados complementares, extraídos de manchetes publicadas em diferentes edições de um jornal local:

**Quadro 2:** Seleção de enunciados complementares.

Enunciados principais (pichações)	Enunciados complementares (textos midiáticos)
“Deus abençoe o álcool gel”	“Diálogo entre fé e ciência: reflexões em tempos de crise” (Folha de Londrina, 23 mar. 2021) “Em despedida, Mandetta elogia SUS, defende ciência e manda recado a Bolsonaro” (Folha de Londrina, 17 abr. 2020)
“Álcool gel < Água e sabão”	“Procon fecha farmácias por venda abusiva de álcool em gel” (Folha de Londrina, 19 mar. 2020) “Indústrias contabilizam escalada nas vendas de álcool em gel” (Folha de Londrina, 17 jul. 2020)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na seção a seguir, são apresentadas as análises.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir de agora, são apresentados os resultados das análises dos enunciados componentes do *corpus*, com base nas categorias definidas, em contraste com os enunciados complementares que integram a cadeia discursiva em que se inserem as pichações.

#### **Categoria 1: Dimensão histórico-ideológica**

Quanto à *dimensão histórico-ideológica* dos enunciados componentes do *corpus*, tencionamos explorar as condições de produção e o interdiscurso resgatado pelos ditos e não ditos.

O primeiro enunciado – “*Deus abençoe o álcool gel*” (Figura 1) – integra uma pichação cujos efeitos de sentido direcionam para a valorização da ciência sob o aval de um discurso religioso. Essa leitura emerge da posição ocupada pelo “álcool gel” no discurso, como um objeto sobre o qual deve recair uma “bênção”, direcionamento alcançado pela expressão “Deus abençoe”, de caráter volitivo.

O sujeito pichador inscreve, em seu discurso, uma percepção positiva do produto, como se a bênção representasse uma espécie de agradecimento por sua existência. Dessa forma, como resulta de pesquisas científicas, que, em dado momento, chegaram à sua formulação, o produto passa a representar a própria ciência, de modo que ambos recebem o mesmo valor a partir de uma fundamentação religiosa.



Pode-se questionar, no entanto, as motivações que levaram o sujeito a essa produção, e essas são resgatáveis dos dizeres que circundam o enunciado, ou seja, dos não ditos: se a bênção é pedida para um produto, ou seja, se é afirmado o seu valor positivo, é bastante provável que um contradiscurso, refutador, tenha sido projetado em outras circunstâncias. E é isso que se recupera dos enunciados jornalísticos publicados à época dos registros das pichações.

A partir dos textos complementares apresentados no Quadro 2, verificamos a publicização de um cenário de embates ideológicos. São afirmados “tempos de crise” (Folha de Londrina, 23 mar. 2021), nos quais um representante do governo “defende a ciência” (Folha de Londrina, 17 abr. 2020), ao passo que outro, embora a informação não seja explicitada na manchete, a invalida constantemente. Vale ressaltar que a crise noticiada assume proporções tão significativas que elementos historicamente contrastantes são retratados em um patamar pacífico: “diálogo entre fé e ciência”. Tem-se, nessa associação entre discursos religiosos e científicos, a materialização da fonte do enunciado da pichação.

O segundo enunciado – “Álcool gel < Água e sabão” (Figura 2) –, de forma semelhante, aponta para a valorização dos estudos científicos, a partir dos quais se chega à constatação de que tanto o álcool quanto o sabão são eficazes no processo de sanitização. Porém, é atribuído ao “álcool gel” um papel aparentemente secundário: a associação de “água e sabão” é apontada com uma valoração maior. E o que poderia ser compreendido, à primeira vista, como uma simples opinião do sujeito pichador, pode ser assumido, de forma mais profunda, como uma importante crítica.

Conforme apontam os enunciados complementares extraídos das manchetes elencadas no Quadro 2, com as recomendações sanitárias constantes para a manutenção da higiene das mãos no combate à contaminação, foi percebida uma “escalada nas vendas de álcool gel” (Folha de Londrina, 17 jul. 2020), sendo que, inclusive, órgãos de fiscalização penalizaram pontos comerciais nos quais foi posta em prática a “venda abusiva” do produto (Folha de Londrina, 19 mar. 2020).

Nesse sentido, a pichação ecoa como um lembrete: a eficiência da combinação “água e sabão” permite aos indivíduos se esquivarem de gastos exorbitantes com a aquisição do álcool gel. O sistema capitalista é, nesse movimento discursivo, portanto, diretamente afetado.

O que se percebe, na análise dos dois enunciados, é o diálogo das pichações com outros dizeres, com produções discursivas de outros sujeitos, em outros suportes. Isso ilustra as proposições de Orlandi (2001, p. 32): “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras.”

A síntese desse percurso de leitura é expressa no Quadro 3, a seguir:

**Quadro 3:** Síntese da análise dos enunciados na categoria 1.

Enunciados	Dimensão histórico-ideológica
“Deus abençoe o álcool gel”	Associação de elementos contrastantes (religião e ciência) Valorização da ciência



“Álcool gel < Água e sabão”	Combate ao capitalismo Valorização da ciência
-----------------------------	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

### **Categoria 2: Dimensão linguístico-argumentativa**

Quanto à *dimensão linguístico-argumentativa* dos enunciados componentes do *corpus*, tencionamos explorar as marcas linguísticas que operam a argumentação contida no discurso verbal em si.

O primeiro enunciado – “*Deus abençoe o álcool gel*” (Figura 1) –, como já apontado, integra uma pichação que, para a valorização da ciência, faz uso de uma expressão de base religiosa. Além do caráter volitivo, que evoca uma visão positiva do sujeito pichado em relação ao produto sanitizante, a seleção lexical “*Deus abençoe*” encontra respaldo justamente no suporte em que é registrada: o muro de um colégio católico da cidade.

Esse ajustamento entre o teor do enunciado e o espaço em que ele se materializa ilustra um caso de situacionalidade, a qual, segundo Koch (2009, p. 40) pode ser considerada em duas direções: “da situação para o texto e vice-versa”. No primeiro caso, são avaliados os fatores que interferem na produção e na recepção do texto: o conteúdo dessa pichação parece ser diretamente determinado pelo contexto pandêmico e, também, pelo colégio ao qual pertence o suporte de inscrição. Já o segundo caso refere-se aos reflexos do texto sobre a situação, a partir da mediação do produtor do discurso: o conteúdo da pichação, ao evocar elementos de ordem religiosa, parece justificar a ocorrência do ato, minimizando o caráter vandálico que comumente recai sobre produções dessa natureza.

O segundo enunciado – “*Álcool gel < Água e sabão*” (Figura 2) –, por sua vez, como já observado, instaura uma avaliação do enunciador a partir do contraste estabelecido entre produtos diferentes. Para isso, o texto é construído com base num paralelismo visual, em que “*álcool gel*” e “*água e sabão*” são cotejados a partir da mobilização do símbolo matemático “*<*” (menor que).

O recurso gráfico selecionado opera, no âmbito da argumentatividade do enunciado, um processo de comparação. Na perspectiva de Fiorin (2018, p. 50), uma das formas de comparação é aquela em que cada um dos elementos constitui uma parte do enunciado: “*analisa-se o primeiro termo da comparação; examina-se o segundo termo da comparação e, depois, faz-se uma reflexão nascida da confrontação dos fatos evocados nas duas partes precedentes*”. É esse o exato movimento que ocorre na leitura da pichação: de um lado, examinam-se os sentidos evocados pelo “*álcool gel*”; de outro, aqueles trazidos pela combinação “*água e sabão*”; por fim, a partir do símbolo que une os dois polos, conclui-se a suposta prevalência de um sobre o outro.

Vale dizer que, em um nível discursivo, o símbolo matemático empregado funciona como um operador argumentativo, já que tem a função de indicar “a força argumentativa” do enunciado (KOCH, 2010, p. 30). Nesse caso, traduzido pela expressão linguística “menor que”, o símbolo atua como um operador de comparação, direcionando a uma dada conclusão, conforme mencionado.

Uma das particularidades dos operadores é que, diferentemente dos “conectivos lógicos” da gramática, “eles podem ligar não apenas proposições, mas também



enunciações a proposições, e mesmo encadear com elementos da situação extralingüística ou com reações não ditas que o locutor atribui a si mesmo ou ao destinatário” (MAINGUENEAU, 1993, p. 162). No caso da pichação, tal operador estabelece conexões entre o dito do enunciado e os não ditos à sua margem.

Em linhas gerais, a análise de como enunciados dessa natureza se articulam linguisticamente é necessária, já que, conforme aponta Maingueneau (1993, p. 162), “os encadeamentos argumentativos possíveis dependem, pois, da estrutura lingüística dos enunciados e não apenas das informações que veiculam”.

A síntese desse percurso de leitura é expressa no Quadro 4, a seguir:

**Quadro 4:** Síntese da análise dos enunciados na categoria 2.

Enunciados	Dimensão linguístico-argumentativa
“Deus abençoe o álcool gel”	Construção fundada na situacionalidade (pichação em muro de colégio religioso)
“Álcool gel < Água e sabão”	Construção fundada na comparação (< = menor que ...)

Fonte: Elaborado pelos autores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apresentadas evidenciaram um processo em que pichações dialogam com outros dizeres que, de alguma forma, permitem o alcance dos sentidos em suas margens. Sobre essa dinâmica discursiva, Orlandi (2001, p. 30) assevera:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.

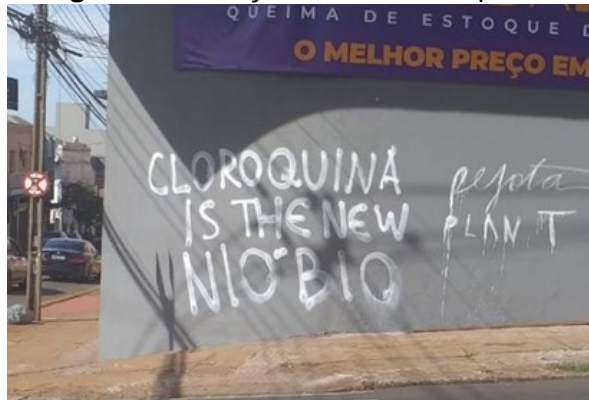
Além disso, verificamos que os enunciados explorados, num processo de evidente deslocamento, partem de uma posição transgressora, quando vistas como atos vandálicos, para uma posição conscientizadora, na medida em que, em diferentes níveis, defendem a ciência que está por trás do “álcool gel” no combate à pandemia.

Enfatizamos, contudo, que essas análises constituem apenas uma das múltiplas leituras possíveis. Afinal, enquanto enunciados públicos, as pichações estão disponíveis aos olhares de outros pesquisadores, inclusive sob outros vieses teóricos. Vale destacar, como exemplo, o texto “Pedagogias culturais em tempos de pandemia: educações nos muros de Londrina”, de Polizel, Fary e Rezzadori (2021), que coincidentemente se debruçaram sobre o mesmo *corpus*, com o objetivo de analisar essas pichações como recursos que promovem a reflexão e, sobretudo, ensinam.



Como essas pichações, existem outros exemplos disseminados pelas cidades, como ilustra a imagem da Figura 3, a seguir, também fruto da temática discutida neste artigo, mas que se manifesta com outras escolhas lexicais, fato que possibilita a análise e a identificação de outros discursos e diferentes ideologias, logo, novos sentidos: o foco, nessa pichação, é a discussão sobre a eficácia de um medicamento (a “cloroquina”), em torno da qual giraram intensos debates na mídia e na sociedade como um todo, em associação com as denúncias sobre o aumento nos índices de exploração do elemento químico “nióbio” no Brasil.

**Figura 3:** Pichação - tema “cloroquina”.



Fonte: Material coletado pelos autores.

Finalizamos, então, com o convite para que novos olhares, sob novas perspectivas, se voltem para essas e outras pichações, desvendando os seus multifacetados e argumentativos sentidos.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1979].

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979 [1929].

BLAZQUÉZ, N. **Ética e meios de comunicação**. Trad. de Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1999.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2000.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2018.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Lingüística Textual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.



- LASSALA, G. **Pichação não é pixação**. 1. ed. São Paulo: Altamira, 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 2. ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes; Edunicamp, 1993.
- MARCONDES FILHO, C. **Ideologia**. 9. ed. São Paulo: Global, 1997.
- MÉSZÁROS, I. **O poder da ideologia**. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004.
- NASCIMENTO, L. H. P. do. **Pixação, a arte por cima do muro**. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.
- OLÉRON, P. **L'argumentation**. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005a.
- ORLANDI, E. P. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2005b. Disponível em: <https://tinyurl.com/yf6seae5>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Edunicamp, 2007.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- POLIZEL, A. L.; FARY, B. A.; REZZADORI, C. B. D. B. Pedagogias culturais em tempos de pandemia: educações nos muros de Londrina. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-7, e-16067.060, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/yaouuzl9>. Acesso em: 30 mar. 2022.